

CRISTINA ROBALO CORDEIRO
COORDENAÇÃO

TOLOGIA

FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80
à atualidade

iu

UMA LEITURA SEM TRADIÇÃO¹

Bertrand Gervais

Romancista e ensaísta, Bertrand Gervais é professor no departamento de estudos literários da Université du Québec à Montréal. Fundou e dirigiu *Figura*, um centro de investigação sobre o texto e o imaginário e *NT2*, um projeto de investigação sobre as obras hipermediáticas, ambos da Université du Québec à Montréal. A sua investigação debruça-se sobre a leitura literária, o romance contemporâneo, as novas experiências da textualidade (particularmente as ficções hipermediáticas) e o imaginário contemporâneo, mais concretamente o esquecimento e as visões apocalípticas do fim. Em 2018, recebeu o prémio de excelência para a informática nas artes e nas ciências humanas da Sociedade canadiana das humanidades digitais. *Théories et Pratiques de Lecture Littéraire*, surge no seguimento da publicação de *Récits et actions: pour une théorie de la lecture* (Le Préambule, 1990), *Lecture littéraire et explorations en littérature américaine* (XYZ éditeur, 1998) e *A l'écoute de la lecture* (VLB, 1993). Mais recentemente, co-editou, com Sophie Marcotte, *Attention à la marche!: penser la littérature électronique en culture numérique* (les Presses de l'écurieuil, DL 2020). No excerto selecionado, Gervais associa a tradição a uma

¹ Bertrand Gervais (2007). "Une lecture sans tradition" in *Théories et Pratiques de Lecture Littéraire*, Québec, Presses de l'Université du Québec, pp. 151-154.

leitura de tipo intensivo, que obedece a uma lógica de compreensão, e a tradução a uma leitura extensiva, que caracteriza como obedecendo a uma lógica de progressão, argumentando que as duas se complementam.

Tradição, tradução: o que separa estes dois termos, cujos significantes são tão próximos? O que muda com a passagem do di ao du? Na verdade, através destes dois termos, opõem-se concepções completas da leitura e da relação com a cultura. O primeiro introduz uma relação com a identidade baseada na memória, na história, na convergência de temporalidades inicialmente desconexas (o passado *versus* o presente), na confirmação de um território cultural, um movimento centrípeto inscrito antes de mais na verticalidade; já o segundo manifesta uma identidade marcada pela exploração das margens e das fronteiras, a dispersão, um movimento centrífugo onde as línguas se confrontam, onde as semioesferas (Lotman, 1990)² se encontram e as mediaesferas (Debray, 1991)³ se sobrepõem. A tradição é uma questão de memória: é uma transmissão baseada, pela própria etimologia, no facto de remeter, de passar algo a outrem. É um património transmitido oralmente ou por escrito. Inscreve-se no âmbito da história e da durabilidade, da confirmação de uma identidade através da repetição, da recordação. É a abertura de um passado que não se pretende esquecer, mas preservar intacto e funcional. A ideia de passagem está também presente na tradução, mas neste caso não é um objeto, um texto, cuja letra queremos preservar e que passa entre dois agentes, entre dois tempos, um antigo e um novo, é um objeto que queremos transformar, para o passar para um segundo estado e assim o tornar acessível. É uma passagem que afeta a letra do texto, que é interpretação, transformação, movimentação.

² Yuri Lotman, *Universe of the Mind. A Semiotic Theory of Culture*, Bloomington, Indiana University Press, 1990.

³ Roger Debray, *Cours de médiologie générale*, Paris, Gallimard, 1991.

A tradição implica uma certa imobilidade, a identificação de um centro onde investir, a proteger, a constituir como espaço pleno e estável. Ler, sob a égide da tradição, é procurar a sua própria cultura, para que possa servir de âncora. Significa procurar a segurança de uma identidade reconfirmada. Implica um olhar sobre si próprio, para o centro, e que reafirma os princípios de uma identidade coletiva. A tradição diz quem somos, de onde vimos, para onde devemos ir, o que temos em comum.

Em comparação, a tradução – refiro-me à prática atual da tradução de textos contemporâneos – funciona antes de mais em modo de esquecimento. Esquecimento de si próprio e da sua cultura, para ir ao encontro da cultura do outro, para lhe garantir uma presença e uma atualidade na sua própria situação. Não é um olhar para o passado, um fechamento, mas uma abertura ao outro. Não é a temporalidade ou a verticalidade que melhor ilustra as suas relações fundamentais, mas a horizontalidade, a copresença num mesmo território de duas culturas, de duas línguas, agora reunidas. Se a tradição conta, por princípio, com uma única língua, que tem um papel identitário, e à qual outras línguas e culturas estarão subordinadas, a tradução baseia-se numa des-hierarquização das culturas ou, melhor dizendo, numa flutuação no jogo das hierarquias. As relações não são fixas ou estabelecidas de forma duradoura, estando antes em movimentação contínua, ao sabor das proximidades, dos itinerários pessoais. De facto, a tradução – neste caso, a prática da leitura que consiste em ler traduções, à qual podemos associar uma prática de leitura complementar, ler numa língua estrangeira – implica uma especialização e uma individualização de conhecimentos e saberes. Não o partilhado, mas o singular. Se ainda assim a nossa identidade emerge confirmada, não é pela repetição do mesmo, mas pelo confronto com o outro, por contraste, complementaridade, comparação. A tradução implica um investimento não no centro da nossa própria cultura, mas na sua periferia. É uma exploração das suas fronteiras, um espaço que deve ser compreendido, não apenas

como a linha que separa dois territórios, mas como o lugar pleno onde estes se cruzam, e que pode ser habitado. Ainda que nos encontremos nos limites dos nossos hábitos de leitura.

Os contextos culturais

Para melhor ajudar a compreender esta diferença, diria que os laços estabelecidos através da tradução entre leitura e cultura são a manifestação de um contexto de extensividade cultural, enquanto os estabelecidos no âmbito da tradição são a manifestação de um contexto de intensividade cultural (Gervais, 1996)⁴. Significa isso que os dois termos não se opõem apenas superficialmente – não se trata unicamente de um problema de semântica – mas a um nível fundamental, o das práticas semióticas, das relações que estabelecemos com os discursos produzidos e transmitidos na nossa semiosfera, quer contribuam para a sua preservação quer para a sua renovação.

A distinção entre estes dois contextos baseia-se nomeadamente no trabalho de Roger Chartier e dos historiadores das práticas da leitura, que definiram dois tipos de leitura, uma intensiva e outra extensiva. Ela retoma estes dois tipos generalizando-os, deslocando a distinção das práticas para os seus quadros de referência, para os seus contextos. As leituras que praticamos são apenas a atualização de certos pressupostos, das nossas atitudes perante a literatura e a cultura (Charles, 1995)⁵. Assim, a extensividade cultural é um contexto marcado pela heterogeneidade dos textos lidos, não só pela diversidade dos géneros ou mesmo dos média utilizados, mas também pela das culturas envolvidas. Trata-se de um contexto de consumo rápido dos

⁴ Bertrand Gervais, “ Contextes et pratiques actuels de la lecture littéraire ”, in J.-L. Dufays, L. Gemenne, D. Ledur (dir.), *Pour une lecture littéraire. 2. Bilan et confrontations*, Bruxelles, DeBoeck /Duculot, 1996, p. 23-32.

⁵ Michel Charles, *Introduction à l'étude des textes*, Paris, Seuil, 1995.

bens culturais. Rápido, simultaneamente porque os textos são lidos sem grande investimento, por ocasião de travessias rápidas – textos que depressa são esquecidos, ou mesmo abandonados, assim que são apreendidos pela primeira vez – e porque a escolha dos textos é suscitada pelos acontecimentos da atualidade, sem grande motivação prévia: lemos tudo o que nos vem parar à mão, tudo o que os livreiros decidiram disponibilizar, seguindo a lógica do mercado. Quanto à intensividade cultural, esta distingue-se por uma maior homogeneidade dos textos lidos, por um investimento na sua leitura e pela exploração dos seus dispositivos. É um contexto de maturação dos bens culturais, que não se baseia numa dispersão da atenção de leitura ou na fragmentação do corpus, mas pelo contrário no seu estreitamento, para assegurar aquilo a que os americanos chamaram *cultural literacy* (Hirsch, 1988)⁶, um património cultural. (...)

A extensividade cultural favorece uma deslocação para a periferia de uma cultura, para as traduções, a mistura de géneros e formas, uma leitura em várias direções, com efeitos simultaneamente positivos e perversos: abertura e diletantismo, um horizonte de expectativas cada vez mais amplo, mas de baixa densidade e profundidade. A intensividade, por seu lado, privilegia o centro, as instituições estabelecidas, a tradição, uma leitura concentrada: que se concentra em poucos textos e os domina a fundo.

A primeira dá resposta a uma economia da progressão, a segunda a uma economia da compreensão. As duas tendências não são simplesmente opostas, mas sim complementares.

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE
DOMINIQUE FARIA

Universidade dos Açores

⁶ Eric Donald Hirsch Jr, *Cultural Literacy*, New York, Vintage Books, 1988.